

Herança valiosa

Ítalo-brasileiros tiveram atuação fundamental na consolidação da medicina no Brasil

Por Vivian Almeida Fotos: arquivo pessoal Jorge Michalany

Que os italianos foram e ainda são importantes para a cultura paulistana não é novidade. Mas nem todos conhecem o papel que esses imigrantes e seus descendentes tiveram na história da medicina brasileira. Foi com a ajuda deles que os médicos deixaram de ser vistos como simples profissionais liberais, como eram considerados até o século

XIX. Para se ter uma noção disso, naquela época, os cirurgiões eram classificados como praticantes de uma habilidade de importância semelhante à dos barbeiros. Hoje, a medicina ocupa no país um posto de prestígio e respeito, tratamento há muito dispensado aos seus profissionais em países mais antigos, como a Itália e a França. De fato,



**Turma da Escola Paulista de Medicina de 1937 a 1942:
19 ítalo-brasileiros de um total de 42 estudantes**

os imigrantes italianos, tão bem recebidos pela capital paulista, tiveram papel fundamental nas mais diversas especialidades – da cardiologia à anatomia – utilizando conhecimentos, técnicas e materiais trazidos de sua terra natal.

O anatomista Alfonso Bovero, o nutrólogo Andrea Bottoni e o cirurgião plástico Antonio Carmo Graziosi são representantes de diferentes gerações de profissionais italo-brasileiros que ajudaram a fazer da carreira médica um símbolo de status no Brasil. Suas histórias, assim como as de vários outros, como Euryclides Zerbini e Flamínio Fávero, podem servir de inspiração principalmente para aqueles que desejam atuar na área médica.

Bovero (1871-1937) veio para o país, a convite do professor Arnaldo Vieira de Carvalho e do governo do Estado, para fundar a Faculdade

de Medicina e Cirurgia de São Paulo (futura Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), criada em 1913. Até então, não havia, aqui, um curso que formasse esses profissionais, e todo o conhecimento aplicado na área vinha de pesquisadores de fora. Preparando-se para ocupar a cadeira de

anatomia e historiologia, o italiano trouxe consigo um exemplar do primeiro livro de anatomia humana, editado por Andreas Vesalius (1514-1564): o *De Humani Corporis Fabrica*.

Hoje, a obra se encontra no Museu de Anatomia Humana Professor Alfonso Bovero, um dos mais completos do mundo, localizado no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo. Bovero, que viria a se tornar o primeiro professor de medicina da USP, logo acrescentou ao seu pequeno acervo metade de um esqueleto desarticulado, um exemplar

do *Tratado de Anatomia Humana*, de Testut, e uma pequena coleção de peças humanas para demonstração. Com isso, o então Instituto de Anatomia foi transferido para o Instituto Médico Legal em 1924, onde permaneceu até 1931. Depois, mudou-se para o atual prédio da Faculdade de Medicina, na Avenida Doutor Arnaldo, onde permaneceu até 1996, quando foi transferido para o Instituto de Ciências Biomédicas da USP, sua casa até o momento.

Durante todo esse período, Bovero criou um acervo com mais de 800 peças anatômicas, que ajudaram em inúmeras pesquisas então incipientes em nosso país. Mais tarde, outros importantes itens foram acrescentados à coleção. Em 1996, quando ganhou o nome de seu fundador, o acervo alcançou a marca de mil unidades expostas e ganhou uma biblioteca com 2.000 volumes. Nada

mal para quem havia chegado ao país com apenas um livro raro (de anatomia humana) nas mãos.

Ao lado de Bovero, vieram para o Brasil, no início do século XX, os também italianos Alessandro Donati, que organizaria a cadeira de patologia geral, e Antonio Carini, que

assumiria a de microbiologia e imunologia. Dessa forma, constituiu-se em São Paulo um núcleo de professores que, aliados a pesquisadores e a outros médicos, criaram a mais importante associação médica de caráter étnico da época, a *Associazione Italiana per lo Studio ed Incremento delle Discipline Mediche*, presidida por Bovero.

Essa associação deu grande impulso ao desenvolvimento da medicina em São Paulo, de que é prova a criação da revista *Ars Médica*, maior veículo de divulgação das atividades científicas do grupo, e constante organização



Bovero, Bottoni e Graziosi (na foto, ao lado do professor Yves Gérard Illouz, inventor da lipoaspiração): três gerações de médicos italo-brasileiros



Até no esporte os ítalo-brasileiros eram maioria na Escola Paulista de Medicina, em 1941: o time de “bola ao cesto” contava com seis deles

de cursos e conferências internacionais. Com a ajuda desses doutores de origem italiana, o Brasil finalmente abandonava sua postura passiva em relação aos avanços na área médica. A associação também organizou a biblioteca médica do hospital Umberto Primo (fundado em 1905 pela comunidade italiana) e se empenhou na construção de um hospital em Capão Bonito, município da região central do estado de São Paulo.

A pesquisadora Maria do Rosário Rolfsen Salles, autora do artigo “Os médicos italianos em São Paulo [1890-1930] - um projeto de ascensão social”, publicado pela Universidade Estadual de Campinas, estudou a inserção dos médicos italianos na sociedade paulistana à época da chamada “Grande Imigração”, período que se estende do fim do século XIX até o fim da década de 1930.

“A inserção profissional se deveu à fase de desenvolvimento da pesquisa e do ensino médico paulistano, salientando-se a participação dos italianos em todos os institutos de pesquisa importantes da época, como Alphonso Splendore [1871-1953]. Diplomado pela Faculdade de Medicina de Roma, ele se transferiu para a capital paulista no começo do século e trabalhou com Adolpho Lutz no Instituto Bacteriológico. Lá,

pesquisavam as causas de várias epidemias e deixaram importantes contribuições à medicina paulista”, avalia Maria do Rosário em sua pesquisa.

Aos 94 anos, o professor Jorge Michalany, autor de livros de anatomia e curador do museu da Associação Paulista de Medicina, que leva o seu nome, recorda-se com carinho dos amigos italianos que fez ao cursar a Escola Paulista de Medicina. Michalany também

morou no Bixiga, bairro conhecido por ser até hoje um reduto de italianos e descendentes.

“É engraçado lembrar dessa época [da imigração]. Muitos italianos vieram para o Brasil e para a Argentina acreditando estar indo para os Estados Unidos. Naqueles tempos, a ideia de América era uma só”, diverte-se. “Logo estavam misturando o italiano com o português e criando um idioma muito particular.”

Embora descendente de sírio-libaneses, Michalany estava tão inserido na comunidade italiana que seu filho, o também médico Nilceo Michalany, e seus três netos estudaram no Dante Alighieri. Entre seus colegas ítalo-brasileiros mais ilustres, ele cita Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993) – pioneiro da cirurgia cardíaca no país e integrante de um importante grupo de médicos do Hospital das Clínicas – e o descendente de italianos Flamínio Fávero (1895-1982), que atuou como diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e foi professor de Medicina Legal da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Fotografias de Bovero, Zerbini, Fávero e outros médicos de ascendência italiana estão reunidas no painel comemorativo “Alguns Médicos Brasileiros de Origem Italiana”, organizado por Michalany e em exposição na sede da Associação Paulista de Medicina (APM), localizada na avenida Brigadeiro Luís Antônio, 278, e aberta

à visitação. Com fotos de 20 profissionais, o painel dirige a homenagem da APM não apenas aos imigrantes italianos, mas aos japoneses e sírio-libaneses, cujos descendentes também se destacaram no cenário médico brasileiro.

Graças ao trabalho de Alfonso Bovero e seus discípulos, na década de 1990, portanto, cinquenta anos após a sua morte, a medicina já era uma carreira de renome no Brasil. Foi quando o italiano Andrea Bottoni se formou no curso de Medicina da Universidade La Sapienza, de Roma. Uma vez no Brasil, ele retomou os estudos na Universidade Federal do Espírito Santo, concluídos em 1996. Mestre e doutor pela Universidade Federal de São Paulo, Bottoni é professor da Faculdade de Medicina da Universidade Mogi das Cruzes, onde é responsável pelas aulas de Gastroenterologia clínica e cirúrgica (referentes à nutrologia).

O professor Liberato João Affonso Di Dio, falecido em 2004, aos 82 anos, é outro ítalo-brasileiro lembrado com carinho pelo seu trabalho. No mesmo ano de sua morte, foi inaugurado um retrato do médico na sala que leva seu nome e onde ele ministrou sua primeira aula, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Ex-catedrático de Anatomia da instituição, bem como da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Liberato Di Dio é considerado “o pai de todos os anatomistas que estão em exercício em nossa faculdade”, segundo definição do professor Ernesto Lentz. Nascido em São Paulo, Di Dio mudou-se para Belo Horizonte em 1954, quando prestou concurso para a cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina. “Ele tinha uma maneira diferente de ensinar, com grande ênfase na parte prática. Di Dio também impulsionou a atividade de pesquisa em Anatomia, tendo orientado 27 teses durante os dez anos em que aqui lecionou”, recordou Lentz. Di Dio também lecionou nos Estados Unidos, onde foi professor da Universidade de Chicago e idealizador da Faculdade de Medicina de Toledo, em Ohio.

O descendente de italianos Antonio Carmo Graziosi também foi lembrado no painel comemorativo do professor Michalany e, assim como Bottoni, é um dos profissionais de destaque que atuam na área. Formado em 1982, fez estágio com o renomado cirurgião Ivo Pitanguy e estudou nos Estados Unidos, onde atuou na UTI e no departamento de cirurgia plástica das universidades de Miami e de Nova York.



Flamínio Fávero, que foi professor de Medicina Legal do Mackenzie, e Euryclides Zerbini, pioneiro da cirurgia cardíaca no Brasil, também são representantes da classe de médicos ítalo-brasileiros

Hoje, é presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, opera no Hospital Israelita Albert Einstein e é dono de uma clínica. “Tive dois tios italianos que eram médicos e, agora, outras gerações da família resolveram seguir a profissão. Costumo dizer que fiz o caminho inverso. Eu me formei aqui, validei meu diploma na Itália e fiquei trabalhando em Bolonha por dez anos. Depois, como tenho parentes em São Paulo, acabei voltando”, conta Graziosi.

Adepto das novas tecnologias, Graziosi pode ser encontrado na internet, em seu site oficial ou em redes sociais como Facebook, Flickr e Twitter. Além de divulgar o seu trabalho, ele aproveita os recursos da rede para orientar os pacientes, seja explicando-lhes os riscos de uma intervenção cirúrgica, seja discorrendo sobre os benefícios de uma cirurgia plástica.

Para a pesquisadora Maria do Rosário, a herança deixada pelos médicos italianos e seus descendentes é tão forte que jamais será apagada. “É possível encontrar médicos italianos em importantes institutos de pesquisa brasileiros desde o início do processo de imigração de médicos para o Brasil. A pesquisa da febre amarela, assim como as pesquisas do Instituto Pasteur, foram largamente beneficiadas pela presença deles.”